



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

Djamyson Olimpio Da Silva

A DANÇA *BREAKING* E SUA INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS.

Maceió - AL

2023

Djamyson Olimpio Da Silva

A DANÇA *BREAKING* E SUA INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS.

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Joyce De Matos Barbosa

Maceió - AL

2023

A DANÇA *BREAKING* E SUA INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS.

AUTOR: Djamyson Olimpio da Silva

ORIENTADORA: Joyce De Matos Barbosa

Resumo:

A dança *breaking*, hoje mundialmente difundida, encontra-se em um momento importante desde sua criação. Será a única modalidade estreante nas Olimpíadas de 2024. Inicialmente gerou opiniões contrárias e a favor entre dançarinos praticantes: para alguns, isso trará benefícios e visibilidade, para outros preocupações sobre como a dança poderia mudar ou perder sua essência. Sendo assim, o artigo disserta sobre esta inserção da dança *breaking* e os benefícios/malefícios de uma dança em um evento esportivo; pensar sobre o limite dança/esporte; o lugar onde a arte se torna competição através de um pensamento filosófico de Marie Bardet, Jean Lacoste; as opiniões de dançarinos através de um questionário para sobre uma dança que nasceu a partir da competitividade e diversão que agora faz parte dos Jogos Olímpicos.

Palavras chaves: filosofia; arte; olimpíadas, dança, esporte.

Résumé:

La danse de rupture, aujourd'hui répandue, est à un moment important depuis sa création. Ce sera le seul sport recruté aux Jeux olympiques de 2024. Initialement, il a généré des opinions contraires et en faveur parmi les danseurs pratiquants: pour certains, cela apportera des avantages et de la visibilité, pour d'autres des préoccupations sur la façon dont la danse pourrait changer ou perdre son essence. Ainsi, l'article traite de cette insertion de break dance et des avantages/inconvénients d'une danse dans un événement sportif ; pensez à la limite danse/sport; le lieu où l'art devient compétition à travers une pensée philosophique de Marie Bardet, Jean Lacoste ; les opinions des danseurs à travers un questionnaire pour sur une danse qui est née de la compétitivité et du plaisir qui fait maintenant partie des Jeux Olympiques.

Mots-clés : philosophie; l'art; jeux olympiques, danse, sport.

Entrada¹

¹ Entrada no *breaking* é quando o/a dançarino/a entra na roda para dançar e faz sua introdução dançando em pé.

A partir da filosofia da arte/dança pretendo pensar/questionar sobre a inserção do *breaking* (dança norte americana) nos Jogos Olímpicos. Mas, para isto, esta filosofia precisa ser referenciada, lida e colocada em prática no assunto, partindo dos pontos negativos, positivos, e benefícios/malefícios desta “conquista” para o movimento *hip hop* e a dança *breaking*. A proposta deste artigo é pensar esta inclusão através de leitura de autores como: Marie Bardet, Jean Lacoste, Paul Valery, Marilena Chauí, Priscila Guimarães, junto com uma pesquisa qualitativa e exploratória com uso de um questionário para obter opiniões de dançarinos.

Como praticante de *breaking* desde 2010, e sendo parte deste movimento, participei de diversos eventos grandes e pequenos ao longo de Alagoas, Nordeste e Brasil, vejo a necessidade de tal pesquisa para fins de conteúdo sobre o tema, já que a dança *breaking* além de ter poucos dançarinos na universidade, poucos escrevem sobre a dança e o movimento *hip hop*. Assim, discutir sobre o que foi feito até aqui em relação a esta inserção, e, principalmente, pela problemática que surgiu em 2020 quando a cena do *breaking* recebeu a notícia que esta dança estreará em 2024 nos Jogos Olímpicos. Ao fim, pensar sobre os pontos que foram vistos como negativos e positivos numa perspectiva filosófica da arte/dança.

Os métodos para essa pesquisa consistem em uma leitura de autores da Filosofia e Filosofia da Arte, a avaliação das opiniões de dançarinos através do questionário, junto com as opiniões do autor pensando a partir do conteúdo teórico, resultado do questionário e vivência na dança *breaking*.

A dança

O *Breaking*, dança norte americana é um dos elementos do movimento *hip hop* que surgiu na década de 70, no *Bronx* (*New York*, Estados Unidos), foi criado pela comunidade negra e latina mesclando diversos movimentos de danças e artes marciais enquanto também surgiam formas de expressão que se tornaram os elementos da cultura *hip hop* que são: DJ ²(que toca), MC³ (que canta e coordena a festa), *Graffiti* (que pinta) e o *breaking* (a dança).

² DJ é a pessoa que se dedica a misturar ou reproduzir música a partir de diferentes tipos de sons.

³ Masters of Ceremony, que em português significa Mestre de Cerimônias.

A dança surge em um ambiente conturbado, com desemprego, caos, entre outros problemas enfrentados pela juventude e população. Segundo Alves (2003, p.44) “a juventude negra e hispânica dos bairros pobres cresceu mergulhada no ambiente hostil que transformou seus modos de ocupar a cidade. A resposta à agressão pública era a violência e a criminalidade”.

Dentro daquele ambiente nomes importantes surgiram para criar o movimento em suas várias etapas.

Conforme Aturo (2019, p. 2 apud GUIMARÃES):

Motta & Balbino (2006) nos contam que o jovem sonhador Kevin Donovan, pertencente a Black Spades, cansado de brigas, e muito interessado por músicas e discos, começa a produzir festas no Bronx. Essas festas eram chamadas de *Block Parties*, as assim conhecidas festas de quarteirão, que começam a atrair os jovens, tirando-os pouco a pouco das ruas, e conseqüentemente das gangues.

Figuras importantes do movimento hip hop surgem ao mesmo tempo que são tidos como fundadores são: Afrika Bambaataa, Kool Herc (tido como pai da cultura hip hop), seu discípulo Grand Master Flash, entre outros. Ao mesmo tempo, já em 1972, surge a dança *Breaking*, que também conta com nomes importantes em sua criação como Don Campbell, por exemplo.

Priscila Guimarães (2019, p. 2) destaca que:

Durante as festas, Herc percebeu que os breaks das músicas, o barulho produzido na transição de uma faixa para outra, impressionava, atraía e estimulava os jovens nas pistas de dança a se arrisarem. Foi então que o Dj Kool-Herc decidiu experimentar novas técnicas que garantissem por mais tempo a presença dos breaks em suas performances, aumentando assim o número de dançarinos, que ficaram conhecidos como bboys, que significa *breaking boys*

No Brasil também surgiram nomes importantes, na década de 80 quando o *breaking* chega através de filmes e da televisão. O movimento surge em São Paulo, aconteciam encontros na famosa Praça de São Bento e o nome mais conhecido nesse

tempo seria Nelson Triunfo⁴, junto com diversos artistas conhecidos que estiveram lá como Mano Brown⁵, Thaíde⁶, Os Gêmeos⁷, entre outros.

Desde o seu início no Brasil, a televisão e jornais divulgaram a dança com uma nomenclatura que ficou conhecida como "break dance" o que seria apenas um termo errado que até hoje pode ser visto e que ficou conhecido no meio popular. Ainda neste assunto, não apenas a dança *breaking* chegou ao Brasil, também chegaram outras danças como o *Popping*⁸, *Locking*⁹, *Hip Hop*¹⁰, *Waacking*¹¹, onde as mídias divulgaram como se tudo isto fosse o "break dance".

Entretanto, o *breaking* surge inicialmente como proposta de se expressar nos beats em que os djs tocavam nos bailes blacks que ocorriam no *Bronx*¹², posteriormente, chegando a se tornar um tipo de batalha que acontece até os dias de hoje em eventos, sendo em confrontos entre uma pessoa contra outra, duas contra duas e até equipe de 5 ou mais. Em sua origem e consolidação, a prática com batalha acontece também na chamada *Cypher*¹³ parecido com a Jam¹⁴ onde músicos faziam rodas de improvisação, o mesmo acontece com os bboys e bgirls¹⁵ no *breaking*.

Já que o *breaking* acontece como uma roda de improvisação e batalha, os dançarinos competem entre si ou apenas se divertem, isso demonstra que de certa forma, esta dança tem como manifestação o confronto entre os praticantes. Relacionando isto aos jogos olímpicos, é um ponto que demonstra uma valorização da

⁴ Nelson Gonçalves Campos Filho, conhecido como Nelson Triunfo (Triunfo, 28 de outubro de 1954) é um dançarino de breaking, músico e ativista social brasileiro.

⁵ Pedro Paulo Soares Pereira OMC (São Paulo, 22 de abril de 1970), mais conhecido como Mano Brown, é um rapper e compositor brasileiro.

⁶ Altair Gonçalves (São Paulo, 5 de novembro de 1967), mais conhecido pelo seu nome artístico de Thaíde, é um rapper, compositor, produtor, apresentador e ator brasileiro.

⁷ Os Gêmeos são uma dupla de irmãos grafiteiros de São Paulo, nascidos em 1974, cujos nomes reais são Otávio Pandolfo e Gustavo Pandolfo.

⁸ Popping é um estilo dentro das danças urbanas, e um dos estilos de dança funk original, criada na cidade de Fresno, Califórnia, em 1970 por Sam Solomon (Boogaloo Sam).

⁹ Dança norte americana criada em 1969.

¹⁰ A dança hip hop refere-se aos estilos de dança sociais ou coreografados relacionados à música e à cultura hip hop.

¹¹ *Waacking* (também *bater*, *posar*, *punking*, *voguing*) é uma forma de dança de rua criada nos clubes LGBT de Los Angeles durante a era disco dos anos 70.

¹² Uma mistura de danças e passos que a população executava e conheciam, em que os djs chamavam de quebra/breaking.

¹³ Palavra utilizada para definir uma roda de *breaking*.

¹⁴ *Jazz after midnight*

¹⁵ Como são chamados os dançarinos homens e mulheres no *breaking*.

dança a partir de uma característica. Aparentemente as divergências sobre ter sido bom ou ruim tem mudado, os dançarinos estão mais abertos com a ideia que se mostra cada vez mais próxima de sua primeira edição.

Deve-se destacar que o *breaking* fez sua estreia nos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), em Buenos Aires, no ano de 2018, a notícia de sua inserção nos Jogos Olímpicos veio anos depois (em 2020) e ainda estamos caminhando para sua execução.

Ao longo dos países onde o *breaking* é muito praticado foram criados meios para especializar os dançarinos, como um exemplo, em São Paulo foi criada a Federação Paulista de *Breaking* - FSPB, essa federação surgiu para selecionar os melhores entre os interessados em estar nos jogos olímpicos é parecido com o treinamento de um atleta, mas continua sendo um treino normal de bboys com uma atenção maior ao corpo, o que é muito positivo.

Este ponto pode mostrar como os benefícios podem ser positivos quanto à atenção maior ao físico, ao que parece, como praticante desta dança, o que fora muito negligenciado em muitos anos de existência do *breaking*. Digo isto por dançar desde 2010, apenas em 2018 estando no Curso de Licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas tive conhecimento por exemplo da educação somática, o que me fez repensar a minha prática na dança *Breaking*. No geral, isso não é nem um pouco negativo, revela um avanço, seja por ampliar possibilidades para quem dança em continuar praticando sem se machucar, é certo dizer que este pode ser um dos maiores benefícios para a dança *breaking* e seus praticantes.

Por outro lado, mesmo que alguns tenham recebido isso pelo lado comercial de produção, como uma análise marxista, também destacado por Benedito Nunes em seu livro *Introdução à Filosofia da Arte*: “Essa ideia é decorrência do princípio básico do marxismo, segundo o qual a superestrutura da sociedade - o direito, a religião, a filosofia e a arte - repousa nas relações de produção.”

Há de se pensar que existe a possibilidade desta discussão nos interesses outros desta inserção, esse assunto mesmo que amplo, destaco aqui por ter sido comentado entre os dançarinos. Pensar que a dança *Breaking* continua em grande atividade e crescendo cada vez mais, faz com que exista a necessidade comercial de

levar esta dança além, além do mais, a preocupação dos dançarinos pode ser vista com quem lucra, para que a partir desse lucro, gere benefícios para os praticantes.

A partir deste pensamento, é preciso lembrar que desde sua origem o movimento hip hop é um movimento cultural e social, como diz Priscila Guimarães (2019, página 6):

O Hip Hop também coloca em cheque a citada universalidade da boa arte, que procura agradar todas as pessoas de todas as gerações com temas universais. O Hip Hop como arte, trata de temas universais, porém assume seu compromisso com sua comunidade e cultura, assumindo seu orgulho negro, refletindo e denunciando problemáticas locais.

O *breaking* sempre esteve nas esquinas, bailes, praças, atuando de forma social com intervenções, festas que abrangia a população pobre nos bairros em que acontecia. Então, toda mudança social que esta inserção pode resultar é apenas um ponto na história social e cultural deste movimento que conta com ONGS em diversos estados do Brasil e pelo mundo, seja na dança, na música, no *graffiti* e em todo o movimento e suas reverberações.

Um exemplo recente que viralizou nas redes e mídias sociais são as batalhas de MCs, que perfeitamente são um exemplo de como acontece um encontro dos elementos do hip hop, algumas batalhas podem se destacar como a da Aldeia (em São Paulo) a do Relógio (em Brasília), o duelo nacional de MCs (Belo Horizonte Minas Gerais) entre outras. Ademais, a cena do Rap¹⁶ se encontra mais consolidada e com mais oportunidades dadas as facilidades da música vender mais que a dança.

Dentre deste ponto, a profissionalização dos Bboys e Bgirls não aconteceu por causa desta inserção. Há anos existem meios dos dançarinos se profissionalizarem e viverem da dança. Exemplo disso são os muitos eventos mundiais, um deles o conhecido *Red Bull Bc One* que acontece anualmente e patrocina diversos bboys pelo mundo inclusive o Brasil, ainda sim existem outras marcas e eventos que dão suporte para inúmeros praticantes da dança *breaking*.

Com isso, nada de muito novo tem acontecido em relação a esta nova modalidade que já não seja realidade para os bboys e bgirls, mesmo sendo um evento que existe há mais de um século como diz Gabriel Sato em um artigo publicado: “Os

¹⁶ Rap é uma sigla para a expressão em inglês “Rhythm And Poetry”, o que traduzindo significa “Ritmo e Poesia”.

Jogos Olímpicos da Era Moderna tiveram início no ano de 1896” é possível dizer que as Olimpíadas seja apenas mais um palco para se dançar e competir. Digo, nada de novo se pensarmos que o *breaking* nas Olimpíadas não é nada além de mais um evento para os que praticam e os que participarão.

Como praticante da dança desde 2010, participei de eventos em Alagoas e demais Estados do Brasil onde percebi que quanto maior for o evento e a premiação, mais terão críticas acerca daquele evento, isso mostra que grandes eventos tem um intuito de serem comerciais, enquanto pequenos eventos se tornaram a real motivação de cada dançarino em continuar praticando, treinando e crescendo na dança. Enquanto os praticantes de *breaking* que vão para eventos menores - para a maioria que não consegue chegar nos maiores - os mesmos são considerados dançarinos. Será que a prática e o treinamento diário/semanal tornará os praticantes atletas ou ainda sim, dançarinos? Penso isso não em comparação com qualquer outra dança que já tenha uma preparo físico diário/semanal, mas apenas sobre uma dança que está nos jogos olímpicos e lida com um evento esportivo, não um evento artístico de dança.

Mesmo que esta ideia seja colocada, como faço parte do *breaking*, digo que a discussão sobre o que seria dança ou não no *breaking* - mesmo sem conteúdo teórico apenas epistemológico - não é recente, pois os próprios bboys discutem há anos sobre o *top rock*¹⁷ e o *foot work*¹⁸, como sendo mais dança que os movimentos de força e giro (*power moves* e *spins moves*).

De certa forma, vejo que não faz sentido dizer que certos movimentos são menos danças que outros, como bem diz Norbert Servos em seu livro sobre Pina Bausch¹⁹:

A palavra dança estava relacionada a um número muito particular de ideias. Mas a dança não consiste em uma técnica particular. Isso seria extremamente arrogante, pensar que muitas outras coisas não seriam dança. E eu acredito que só um bom dançarino possa fazer muitas coisas muito simples. É tudo muito delicado. (SERVOS, 2008, p. 229)

¹⁷ O que os bboys dançam em pé.

¹⁸ Dançado no nível baixo, ou de cócoras.

¹⁹ Pina Bausch foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã.

O que pode ser visto como a ideia de ampliar a dança *breaking* na problemática do que é mais dança nos estilos que a compõe? Seria possível dizer que a estreia do *breaking* nos jogos olímpicos poderia desenvolver algo nisto? Penso que não. Seria melhor dizer que isto faria os dançarinos serem atletas de fato; comercializar o *breaking* como esporte; poderia ser dito que individualmente o dançarino iria ampliar possibilidades, de certo modo, mas não dizer que isso seria possível ampliar o que é mais dança a partir desta inserção.

Atleta-dançarino ou dançarino-atleta

Esta pergunta - sobre ampliar o que é dança - traz à discussão o tema do que é ser atleta e o que é ser dançarino. Ao longo da graduação ouvi algumas de minhas professoras falando que um dançarino de *breaking* é um atleta pela forma como a dança é, pelas acrobacias, saltos, movimentos de força, giro, algo como a própria ginástica artística, já que o *breaking* pegou um pouco dela. Alguns movimentos como o próprio *Flare*²⁰ criado pelo atleta *Kurt Thomas*²¹, originalmente feito no cavalo, assim surgiu o *Air flare*²² tendo como o criador Bboy Pablo Nunes, o próprio flare foi modificado e gerou diversas variações criadas por bboys entre muitos outros movimentos da ginástica que o *breaking* incorporou.

Desta junção de danças e artes marciais pode-se destacar: Danças Africanas, Sapateado, Ballet, Karatê, Capoeira, *Swing*, Yoga, patinação no gelo, entre muitos outros. Estas são algumas das diversas influências do *breaking* em sua origem ao longo dos 52 anos de existência. Já que o *breaking* é uma dança experimental que constantemente está sendo criada e cresce a cada nova influência que os dançarinos usam.

Todos estes pontos até aqui foram importantes para contextualizar a dança para chegarmos no tema em questão. Até lá, introduziremos um pouco sobre a Filosofia da

²⁰ Flare: movimento giratório com as pernas abertas igual da ginástica olímpica “cavalo de pau”.

²¹ Kurt Billeaux Thomas foi um ginasta estadunidense.

²² O air flare é um movimento acrobático do *breaking* e da ginástica artística, uma variação do *flare* e do *airtrack* no qual o dançarino e ginasta de cabeça para baixo gira o tronco em torno do eixo vertical de seu corpo e viaja em um caminho circular sobre o chão.

Arte, como se iniciou, alguns pensadores, para que seja possível pensar através dos questionamentos aqui criados e feito para as pessoas que participaram da pesquisa.

Filosofia da dança/breaking

A filosofia da arte surge na Grécia, segundo o Professor Pedro Menezes:

A Estética, também chamada de Filosofia da Arte, é uma das áreas de conhecimento da filosofia. Tem sua origem na palavra grega *aisthesis*, que significa "apreensão pelos sentidos", "percepção". É uma forma de conhecer (apreender) o mundo através dos cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato). (MENEZES, 2011, página 1)

Ela surge a partir do pensamento dos filósofos Platão²³ (em *A República*) e Aristóteles²⁴ (em *Poética*) como descreve Jean Lacoste em seu livro *A Filosofia da Dança*. De igual forma, Marilena Chauí (2004, página 410):

Do ponto de vista da Filosofia, podemos falar em dois grandes momentos de teorização da arte. No primeiro, inaugurado por Platão e Aristóteles, a Filosofia trata as artes sob a forma da poética; no segundo, a partir do século XVIII, sob a forma da estética.

A partir daí surgem pensadores que dedicaram-se para pensar/questionar a arte, estética, beleza/feiura e etc. Eles partiram de um pressuposto de que a Arte pode ser questionada, pensada e teorizada. A partir disso, pensando que a filosofia da arte já se encontra bem consolidada (por, previamente, ter sido construída desde Platão, Aristóteles e ser discutida nos anos seguintes por muitos filósofos, estetas, historiadores) a filosofia da dança ainda caminha por passos curtos em sua construção, seja por filósofos que não dançam, porém, pensam sobre a dança.

Os filósofos da arte se preocuparam, ao longo dos séculos, em discutir a questão da estética. Segundo Michel Bernard (2015, p. 15, Apud Marie Bardet):

Se existem tão poucos filósofos que escreveram sobre a dança é talvez porque eles sentiram confusamente que isso escapava, isso escapava muito; os filósofos não gostam muito daquilo que escapa, daquilo que foge diante das tenazes do conceito.

Isso mostra como a dança passou de forma a escapar os que já pensavam sobre muitas coisas, enquanto nós que dançamos não pensamos sobre o que não nos

²³ Filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga.

²⁴ Foi um filósofo grego durante o período clássico na Grécia antiga.

escapa. Com isso, a filosofia da dança questiona outros pontos sobre a própria dança, sobre o espaço, tempo, peso, presente e presença.

As danças (no sentido amplo) acontecem em forma, peso, tempo, fluxo, segundo Rudolf Laban (1971). A partir destes temas, teóricos e filósofos que não pensaram sobre o *breaking* e que devem ser usados como referências, como base para os questionamentos aqui colocados, para dar pontos em algumas questões como: o *breaking* ainda é dança mesmo tendo se tornado uma modalidade esportiva nas Olimpíadas?; Onde termina o limite do que considera-se dança?; O que descaracteriza a dança e a torna um esporte? Um dançarino é o mesmo que um atleta?

Antes de continuarmos, há de se perguntar, mas por que a filosofia? A esta pergunta, Marilena Chauí pode falar por si no tópico “para que filosofia?” do seu livro *Convite à Filosofia*, onde diz: “Perguntar o que a coisa, ou o valor, ou a idéia, é. A Filosofia pergunta qual é a realidade ou natureza e qual é a significação de alguma coisa, não importa qual.” Logo, esta característica da filosofia será muito pertinente perante o tema, para possibilitar perguntas acerca dos pontos positivos e negativos.

Complementando Marilena Chauí, este trecho de Marie Bardet diz:

O trabalho filosófico com a dança vincula-se à crítica, ou seja, ao trabalho primordial da filosofia, pondo em dúvida as implicações subentendidas das palavras, trabalhando sobre seu uso e percurso de seus limites, assim como, e às vezes mais, do que sobre sua definição. (BARDET, 2015, p. 135)

Aqui, não será o que disseram filósofos/teóricos a responderem ou até dar pontos sobre nossos questionamentos, mas, como parâmetro, usarei eles para que possamos dar nossos argumentos sobre os questionamentos, nossas respostas e minhas conclusões.

Já que podemos falar sobre filosofia, que tal começarmos a pontuar, seja sobre o *breaking*, seja sobre a dança, em relação às olimpíadas, seria começarmos pela improvisação, já que toda execução dos atletas é uma sequência treinada ao extremo em busca da perfeição, como o *breaking* se comportará, Marie bardet nos diz algo sobre o assunto:

Compor no presente, apresentar o gesto, exercício nos limites de uma pureza de uma presença imediata absoluta e da transparência suspensa de um instante; porém, se o presente já é heterogêneo, momento espesso "em curso", tecido de múltiplas sensações e movimentos, então se compõem alguns traços da difração dos reflexos em curso. (BARDET, 2015, p. 148)

Esse seria um risco que os bboys terão que correr, digo, como dançarino, o *breaking* sempre foi uma dança de improvisação, experimental, espontânea, mas, com uma pitada de pequenas células, que chamamos de *session*²⁵, onde executamos de forma como a evitar uma apresentação coreográfica, já que dançamos em músicas aleatórias que o DJ coloca e faz a mixagem²⁶, possivelmente cai uma que não conhecemos. O *breaking* neste lugar brinca com a aleatoriedade, mas parte do dançarino conduzir e dominar a música naquele espaço-tempo.

Filosofia do esporte

Nossa discussão acontece no âmbito da problemática: a dança *breaking* deixa de ser dança para se tornar um esporte por fazer parte dos Jogos Olímpicos?. Se sim, isso pode acontecer na forma como a sociedade passará a pensar após conhecer a dança e vê-la em ação nas olimpíadas (ou os próprios dançarinos), se não, descobrimos uma dança que se veste de muitas formas e continua sendo arte?

Não há como escapar da arte quando falamos da essência da dança, assim como a Capoeira é uma luta dançada, mas sua essência não é a dança. Segundo Helal (1998, pág 6): “No que concerne à racionalização do esporte, o futebol brasileiro é conhecido por ser o pólo oposto da rigidez e formalidade deste processo - o celebrado “futebol arte”. Percebemos que até o esporte se encontrou na relação arte/esporte, resultado de pessoas que revolucionaram o esporte com seu jeito artístico de jogar. Será o mesmo na dança?

Para dar continuidade, deve-se atribuir uma definição sobre o que é esporte. Em seu artigo “o que é esporte”, Valdir Barbanti (2012, p. 54) desenvolve três condições para considerar a definição de esporte:

“Esporte refere-se a tipos específicos de atividades; Esporte depende das condições sob as quais as atividades acontecem; Esporte depende da orientação subjetiva dos participantes envolvidos nas atividades”. O mesmo também destaca que: “De acordo com muitos sociólogos do esporte, o esporte é caracterizado por alguma forma de competição que ocorre sob condições formais e organizadas.” (Barbanti, 2012, p. 54).

Logo, percebemos que o esporte se caracteriza de forma mais formal e ao mesmo tempo se encontra em difícil definição pelo lado informal. Sendo assim, poderia

²⁵ *Session* no *breaking* é uma pequena célula coreográfica.

²⁶ A mixagem consiste em colocar duas ou mais músicas ao mesmo tempo e mixá-las.

ser dito que a dança como um jogo olímpico é sim um esporte?. Aparentemente, sim. Ademais, por se tratar de uma dança em específico, o *breaking* mais se beneficia do artifício “esporte” do que, como dança, perde sua essência e se torna esporte. Isso acontece pelo fato de ainda sim ser uma dança.

Portanto, essa discussão sempre chega no lugar em que a dança está. Por exemplo, o *breaking* com suas batalhas, competições, critérios e regras, com música ou sem acontecendo em salões, praças, parques, ruas (alguns lugares onde ocorrem eventos de *breaking*) não entra em si neste assunto de ter se tornando um esporte ou perdido sua essência, mas por ter fazer parte dos jogos olímpicos vale pensar sobre estes pontos para podermos continuar produzindo/pensando dança e teoria da dança em específico no *breaking*.

De certa forma, se o lugar onde a dança está altera algo em sua essência, seja por critérios competitivos (já existentes no *breaking*) seja por comercialização, seja até mesmo de forma social ao público consumidor, esta ou outra dança existe com algo próximo de um esporte. De igual forma, a chamada dança esportiva, modalidade da dança de salão que também tem critérios e competitividade, também foi cogitada para ser parte dos jogos olímpicos, também passou pelas opiniões negativas e positivas mas não fez parte. A Federação Mundial de Dança Esportiva - WDSF, cogitou a inserção da dança esportiva nas olimpíadas de 2024 em que o *breaking* estreará.

Já que encontramos uma definição sobre o que seria esporte, para que possamos encontrar a dança neste lugar, o que a Olimpíadas tem a oferecer de forma positiva a arte, em relação a dança? Acredito que iremos ter uma noção acerca disto quando acontecer a Olimpíadas em 2024 em Paris, observando de forma prática e a repercussão. Até lá, neste artigo, pretendo dar participação a quem dança *Breaking* e quem não dança *breaking*, para responder um questionário dando suas opiniões acerca desta novidade no mundo da dança, e, através do resultado da perguntas, concluir este artigo relacionando tudo em uma perspectiva filosófica.

Questionário

O questionário foi criado a partir do Google Forms com base em questionamentos acerca da dança *breaking* nos jogos olímpicos. Com um total de 6 perguntas específicas para dançarinos de *breaking* e 6 para dançarinos no geral. O

total de participantes foi de 23 pessoas com idade entre 18 e 34 anos, destes, 14 são praticantes de *breaking* e 9 de outras danças, 5 mulheres e 18 homens. Os participantes respondiam a questões objetivas e cada pergunta continha um espaço para dar uma opinião acerca da questão. Com isso, o intuito final do questionário é de coletar a opinião de dançarinos para dar continuidade ao artigo, contextualizando as opiniões no momento da escrita deste artigo.

Algumas das questões foram formuladas para que ambos respondessem mesmo sendo praticantes de *breaking* ou não. Das que foram para dançarinos no geral, algumas que destaco são:

O que você pensa acerca da dança breaking nos jogos olímpicos?

9 respostas



Dadas as duas opções de escolha, o resultado mostrou-se maior para a opinião positiva, enquanto apenas uma pessoa na opinião negativa e um respondeu que não tem opinião formada. Já nesta próxima, com a mesma pergunta mas com opções diferentes o resultado foi:

O que você acha sobre o breaking nas olimpíadas nas alternativas abaixo

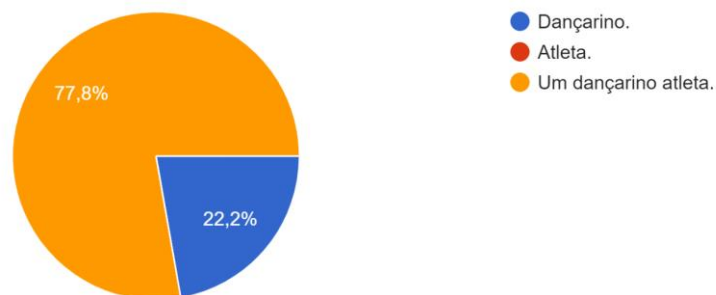
8 respostas



Já esta questão apresentava três opções de escolha onde 4 pessoas responderam que esta inserção aparentemente torna a dança esportiva. Como já discutimos anteriormente, existe a possibilidade do *Breaking* ser visto assim, no entanto, duas pessoas responderam que a dança continua sendo como qualquer outra e duas para a única opção positiva em relação a uma característica da dança.

O dançarino de breaking nos jogos olímpicos seria um dançarino ou atleta?

9 respostas



Esta questão também foi realizada com os praticantes de *breaking*, mas aqui vemos a opinião de pessoas que não praticam, mostrando uma certa imparcialidade perante a visão de quem está fora. Digo, sete dos nove responderam que seria um dançarino atleta, dois para dançarino, que se mostra de certa forma um resultado totalmente positivo, já que, a preparação para os jogos olímpicos será ainda maior, fisicamente falando, logo, sabe-se que um dançarino seria também um atleta. Aproveitando esta questão, vamos introduzir o resultados dos praticantes de *breaking* com a mesma pergunta.

O Bboy e a Bgirl nos Jogos Olímpicos é um(a) dançarino(a) ou atleta?

21 respostas



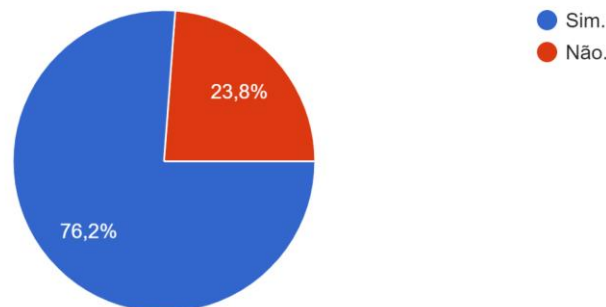
Aqui, nota-se uma divergência maior de ideias, já que a maioria deram suas opiniões sem escolher uma das opções, os que opinaram mostraram-se a favor da ideia do dançarino atleta, um comentário bastante interessante dizia que:

No meu ponto de vista, todos bboys e bgirls que conheço todos eles são dançarinos, quando falamos sobre atletas falamos sobre essa modalidade olímpica que foi nos imposta agora como prova de onde o breaking chegou. Acredito que quando falamos de atleta falamos de agora por diante e todos que vieram antes sempre foram dançarinos, mas também pode ter dançarinos que queiram se tornar atleta por questões de saúde, bem estar etc...

Este comentário mostra mais diretamente a visão de um bboy sobre esta inserção, algo que não mudou desde 2020 quando tivemos a notícia de que a dança estaria nos jogos olímpicos. Contudo, outro comentário também mostra como os praticantes da dança *breaking* recebem esta ideia de um dançarino atleta como algo que já tinha pensado em algum momento, outro participante disse: “Creio que os dois estão relacionados”, logo, essa visão de um dançarino atleta já é algo próximo do cotidiano de um bboy, assim como veremos na pergunta a seguir

O breaking nos jogos olímpicos pode ser mais valorizado pelo lado mais acrobático da dança?

21 respostas

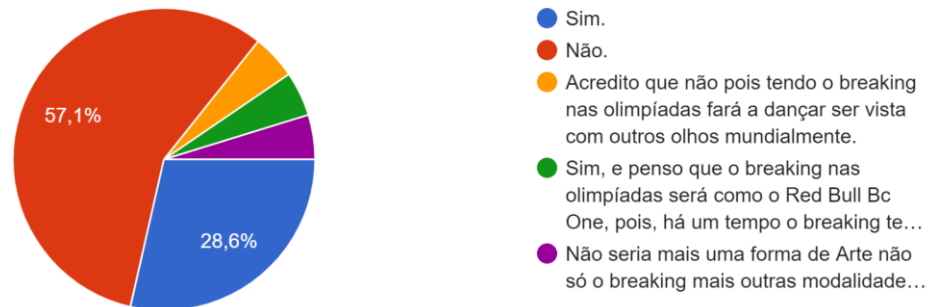


Esta pergunta é muito importante porque o lado mais acrobático da dança sempre foi motivo de discussões entre os praticantes por achar que ele tira o lado mais arte/dança do *breaking*, principalmente em eventos. Um bom exemplo que pode ilustrar isto, em eventos maiores bboy que dançam mais acrobáticos ganham de outros que são mais o lado dançante, isso sempre causou divergências em relação aos critérios de julgamento no *breaking*, que na verdade deveriam ser apenas um complementos para o lado dançante.

Contudo, a próxima pergunta tem sua importância por mostrar a opinião hoje de praticantes sobre como eles veem o *breaking* nas olimpíadas como um grande evento.

Você acha que a *breaking* nas olimpíadas é mais um evento como os que já temos?

21 respostas



O pensamento de ser apenas “mais um evento” como os já existentes mostra a importância do *breaking* acontecer nos jogos, já que para os próprios bboys, eventos maiores são oportunidades de ganhar um prêmio, ser mais conhecido e ganhar patrocínios no Brasil afora. Como mais da metade responderam sobre não ser mais um evento, alguns comentaram sobre o que seria o *breaking* nas olimpíadas, um bom comentário foi: “Acredito que não, pois tendo o *breaking* nas olimpíadas fará a dança ser vista com outros olhos mundialmente.”. Já outro participante destacou: “Há um tempo o *breaking* tem sido visto apenas como um estilo de dança marcado por acrobacias, rotações e equilíbrio, para o público isso sempre será muito atrativo e, talvez seja por isso que ele tenha passado a ser visto como esporte”. Isto mostra-se mais real para quem vivencia, dançar pelas praças e palcos para os bboys, sempre fomos recebidos com mais empolgados quando fazemos os movimentos acrobáticos, saltos e giros.

Com o Breaking nos jogos olímpicos, você consideraria a dança um esporte? (entendesse aqui o esporte olímpico)

21 respostas



Estas respostas evidencia que alguns dançarinos já viam o *breaking* de uma como algo a mais, um dos participantes respondeu “pra mim sempre foi um esporte”, assim como outro responde que: “além da dança também é um esporte, pois é um conjunto de atividades que exige força, flexibilidade, movimentos, competitividade, individual ou coletiva com a finalidade de sair um campeão”. Sendo assim, talvez a ideia de ser um esporte, de certa forma, não seria mal vista por alguns praticantes de *breaking*, assim como, numa perspectiva filosófica, talvez exista uma relação entre ambos, sem deixar ser dança, sem deixar de ser arte, algo parecido foi dito por um dos participantes:

“Como venho de um ensino sobre o *breaking* como filosofia da dança, observar e ver que o *Breaking* se tornou uma modalidade olímpica acho muito importante, o movimento underground assim como o movimento hip-hop sempre esteve muito presente no mundo inteiro. Eu que vivo o movimento hip-hop e o *breaking* como minha primeira linguagem em dança, na qual foi passada pra mim, o *breaking* sempre será uma dança. Mais pensando sobre esse momento contemporâneo na qual estamos vivendo a dança como esporte trará alguns benefícios para os dançarinos, entre outras coisas. Breakers como eu outros que começaram na faca como filosofia sabe a importância do que é ter base pra treino pq surgimos do nada sem condições nenhuma para começar a desenvolver a dança”.

Para fechar essa parte e continuarmos, deixo este último comentário sobre a última questão: “A dança por si já é uma expressão artística e cultural... O conceito de esporte se atribuiu a competição e seus regulamentos, a essência em si não muda, mas o conceito varia de pessoa para pessoa”. Se houve ou não, de fato todos podemos

pensar o que realmente seria bom ou não com uma dança nos jogos olímpicos, mas, veremos na prática apenas em 2024. Agora, nos basta apenas pensar sobre.

O corpo do *breaking* se move *breaking*

O resultado do questionário mostra como nós que dançamos *breaking* conseguimos pensar sobre o que é a dança, onde ela está, de certa forma já começamos a filosofar a partir do momento que pensamos dança, além do mais, esta arte não se encontra em termos literários como outras que ao longo do tempo foi pensada e acolhida por filósofos.

Contudo, falando das perguntas em si, se a dança *breaking* continua nas praças, salão, ruas, ela ainda está em sua essência. Ao ser colocada em um evento como os jogos olímpicos, a dança não se perde e se torna outro algo, ela ainda é dança, mas agora está - também - em outro lugar, podemos pensar ser apenas mais um palco, como os praticantes de *breaking* já sabem, mais um evento.

Sendo assim, a competitividade sempre foi marcante nesta dança, logo, é possível indagar que esta característica tenha sido um dos principais motivos para ela ser incluída nos jogos? Talvez, também tem o lado mais acrobático da dança, movimentos de força e giro sempre vão além das células e composições daquele corpo sinuoso, que se move anatomicamente correto (como no ballet), que tem forma mais definida, poses e passos. Percorre o espaço do palco - ou lugar - saltando de forma a girar no ar e cair com mais peso, girar na ponta da cabeça, usar braços segurando todo peso do corpo, sempre foi uma ação ousada do *breaking* de usar o corpo além dos movimentos mais simples na dança.

Esse corpo além, é nosso além do movimento, contorção e flexibilidade sempre existiram na dança, mas ser uma arte além da dança seria ser algo a mais? como um esporte? Podemos pensar que sim, mas quem poderá dizer que sim. O corpo do basquete se move de um jeito, do futebol se move futebol, assim como o do ballet se move ballet, o do *breaking* se move *breaking*.

Então o que seria determinar a dança ao pensar, dizer. Pensar a dança nesta inclusão não seria apenas mais visibilidade? Alguns participantes acharam que sim, à dança com visibilidade pode ser venerada, valorizada e conhecida por muitos. Tornar-se um esporte, ou um jogo olímpico, seria nosso além da dança? Entende-se aqui a

dança no sentido lúdico, forma de expressão nos palcos, composição coreográfica e etc. São perguntas confusas que não precisam de respostas, afinal a dança responde a tudo com movimento. Se o *breaking* se tornar um esporte olímpico ou não, será na repercussão quando finalmente acontecer.

Portanto, após o movimento vem o pensamento e do pensamento a escrita. A dança como um esporte olímpico, na verdade seria, uma dança olímpica. Assim como a modalidade de dança esportiva (falada anteriormente) também foi cogitada fazer parte dos jogos olímpicos, qualquer dança como um jogo olímpico, é uma dança olímpica. Ao mesmo tempo em que continua sendo dança, continua sendo arte, o corpo que se move *breaking*, cheio de movimentos parecidos com os da ginástica olímpica, utiliza-se de de um corpo olímpico, dentro de uma dança competitiva, experimental, acrobática e em todo momento, um corpo que se move dança.

Freeze²⁷

Sendo assim, a ideia principal acerca do *breaking* nos jogos olímpicos é a de que o lugar onde a dança está, poderia ou não alterar algo no fazer dança, ou seja, as olimpíadas de 2024 virá com a novidade de dar ao mundo uma representação olímpica de uma dança mundialmente conhecida por ser acrobática e competitiva. Aparentemente, nada tem de novo quanto ao que está inserção pode causar, mesmo que, as opiniões contrárias e a favor dos bboys e bgirls por todo o mundo têm sido divergentes, como sem consenso, sabe-se que a experiência de quando acontecer poderá mudar a opinião desses e aqueles.

A dança não é propriedade privada de alguém, o *breaking* é uma prova disso. Uma dança que explora a capacidade de movimento do corpo ao máximo, fazendo dança enquanto faz ginástica, enquanto faz jogo. O artigo tem como resultado a boa avaliação dos participantes com a ideia da inserção, se por uma perspectiva filosófica, dança e esporte podem dialogar, talvez, nem todas as danças, mas o *breaking* em questão pode mostrar-nos uma boa relação.

Conquanto, pensar o *breaking* nas olimpíadas de 2024 é elevar a dança em outro patamar, o de conquistar espaços, o de levar a conhecimento daqueles que ainda não conhecem esta dança, e acima disso, o *hip hop* sempre foi um movimento social, o

²⁷ Movimento de finalização no *breaking*, o dançarino usa para encerrar sua *session*, finalizar.

breaking sempre se manifestou a partir de uma perspectiva social, nós dançarinos de *breaking* esperamos que os jogos olímpicos amplie esta perspectiva social de uma dança da periferia, dos bairros pobres e de uma juventude que se desvia de uma vida de perigos e se coloca num lugar de possível expressão. O *breaking* nas olimpíadas é revolucionário no sentido de pensar onde uma dança pode chegar, onde ela pode acontecer, o que ela pode se tornar, o que ela pode ser.

Por fim, visto que o resultado do questionário se mostrou mais a favor do que contra em relação às opiniões dos participantes sobre a dança *breaking* nos jogos olímpicos, mesmo que aqueles dançarinos de *breaking* tenham um lugar de fala maior, a inserção será uma grande novidade no mundo da dança, quem sabe veremos corpos acrobáticos dançando e nos fazendo questionar. O *breaking* como dança, como movimento social, precisa desse lugar para levar o mundo a pensar, sobre o lugar da dança, sobre aqueles que dançam, sobre as condições que o fizeram chegar ali, sobre tudo que permeia a essência do *hip hop*. Ou seja, que o *breaking* não deixe de ser *breaking*, e que nós que dançamos, deixemos que a dança se mova livremente, por todos os lugares.

Referência bibliográficas

ALVES, F. S. **Que pode o Corpo? Uma Visão Histórica sobre o Hip Hop.** In: Revista Riscos – CCCA, n. 5, p.43-49, janeiro/abril de 2003.

BARDET, Marie. **A filosofia da dança: um encontro entre dança e filosofia.** Martins Fontes, tradução 2015. São Paulo. 1º edição.

BARBANTI, Valdir. **O que é esporte.** Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde. 26º de abril de 2012. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia** – São Paulo – SP: Editora Ática, 2004.

GINOT, Isabelle. **Entretien avec Trisha Brown: en ce temps-là l'utopie.** Móbiles 1: Danse et utopie. Universidade de Paris 8, Col. Arts 8, ed. l'Harmattan, Paris, 1999. p.101-11.

GUIMARÃES, Priscila. **Hip Hop como movimento social em Goiânia**. CEAFI – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

HELAL, Ronaldo. **Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação. Memórias do Congresso Mundial de Educação Física** - AIESEP 1997, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 1, p. 507-516, 1998.

LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo** - Rio de Janeiro, Imago. 1983.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 2008. São Paulo, Brasil. 5° ED, 1971.

LÁZARO, Letícia. **Saiba mais sobre o *breaking*, modalidade que estreia nas Olimpíadas de Paris**. Disponível em: [Olimpíadas: Conheça o , modalidade que estreia em Paris-2024 \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 17 de Fevereiro de 2022.

MENEZES, Pedro. **O que é estética na filosofia. Toda Matéria**. Disponível em: [O que é Estética na Filosofia? - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](#). Acesso em: 13 de Fevereiro de 2022.

REGINA PINTO, Tani. **Afrika Bambaataa, entre as gangues e a cultura hip hop**. [Afrika Bambaataa, entre as gangues e a cultura hip-hop • Primeiros Negros](#).

SATO, Gabriel. **História das olimpíadas: guia para entender a origem dos jogos**. <https://www.dci.com.br/esporte/historia-das-olimpiadas-muito-alem-da-competicao/111953/>. Acesso em: 23 de Setembro de 2022.

SERVOS, Norbert. **Pina Bausch: dance theatre**. Munique: K. Kieser. 2008, p.229 – 230.

VALERY, Paul. **Filosofia da Dança**. 1936. Tradução de Charles Feitosa.